

## O ENFERMEIRO NO APOIO AOS PAIS DE CRIANÇAS COM O TEA

Jaiele Aroeira Luz<sup>1</sup>  
Jaqueline de Souza Pagotto<sup>2</sup>  
Emanuel Vieira Pinto<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo investiga o enfermeiro no suporte aos pais de Crianças com Transtorno do Espectro Autista. Os desafios do TEA não só afetam a criança, mas também têm repercussões profundas na vida dos pais, influenciando as relações familiares e a qualidade de vida. Esses pais enfrentam desafios únicos, desde o diagnóstico até a gestão do dia a dia com as necessidades complexas de seus filhos. Como o enfermeiro está na linha de frente do acolhimento nas unidades básicas de saúde (UBS), acaba tendo um papel importante. Sendo assim questiona-se: Qual é o papel do Enfermeiro no suporte aos pais de crianças com TEA? Este artigo tem como objetivo geral analisar o papel do enfermeiro no suporte aos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Especificando alguns objetivos, podemos compreender a definição e características do TEA; contextualizar o impacto e desafios do TEA na dinâmica familiar; apresentar estratégias de intervenções de enfermagem. Trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa da literatura científica, feita com base em artigos disponíveis no Google Acadêmico, e o Scielo, BVS, são estudos publicados nos últimos 5 anos para garantir relevância atualizada. Por meio dessa revisão, são explorados os desafios enfrentados pelos pais, e como a intervenção de enfermagem pode mitigar esses impactos negativos. Espera-se fornecer esclarecimentos sobre as necessidades específicas dos pais de crianças com TEA em relação à sua saúde mental, identificar estratégias de intervenção eficazes por parte dos enfermeiros e contribuir para o desenvolvimento de práticas de enfermagem mais centradas na família neste contexto.

8175

**Palavras-Chave:** Qualidade de vida. Transtorno autístico. Suporte familiar.

### I. INTRODUÇÃO

O enfermeiro oferece suporte à família da criança com o TEA visto que o aparecimento dos sintomas iniciais podem ser identificado durante as consultas do desenvolvimento infantil. O enfermeiro, com sua formação e experiência, está bem posicionado para desempenhar múltiplos papéis no cuidado de uma criança com TEA juntamente a sua família.

<sup>1</sup>Graduanda em Enfermagem pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA, em Itamaraju – BA.

<sup>2</sup> Professora Orientadora, Especialista em Política Social e Gestão Pública pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicada - Facisa.

<sup>3</sup>Professor Coorientador, Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, no Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU da Faculdade Vale do Cricaré – UNIVC.

Apesar dos avanços substanciais alcançados na compreensão e no tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA), as famílias ainda enfrentam desafios significativos no cotidiano, particularmente no que concerne ao impacto emocional e psicológico da condição sobre os pais. A falta de suporte adequado pode exacerbar as dificuldades já inerentes ao manejo do TEA e prejudicar o desenvolvimento saudável da criança afetada.

Essa falta de suporte adequado pode manifestar-se em várias formas, incluindo acesso limitado a serviços de intervenção precoce, terapias comportamentais e educacionais especializadas, e falta de recursos psicossociais e de apoio emocional. A escassez de recursos financeiros e a disparidade no acesso aos serviços também podem representar barreiras significativas para as famílias, exacerbando o estresse e a carga emocional. Com isso questiona-se: Qual é o papel do enfermeiro no suporte aos pais de crianças com TEA?

Este estudo tem como objetivo geral analisar o papel do enfermeiro no apoio à saúde mental dos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Já os objetivos específicos visam compreender a definição e características do TEA; contextualizar o impacto e desafios do TEA na dinâmica familiar; apresentar estratégias de intervenções de enfermagem.

Este estudo é de suma importância para reconhecer que o TEA não afeta apenas a criança diagnosticada, mas também toda a família. Os pais enfrentam desafios únicos, desde o diagnóstico até a gestão do dia a dia com as necessidades complexas de seus filhos. Os profissionais de enfermagem estão na linha de frente desse suporte, oferecendo não apenas cuidados práticos, mas também apoio emocional. Desempenhando um papel crucial na educação dos pais sobre o TEA, fornecendo informações claras e precisas sobre o transtorno, suas características e opções de tratamento. Isso ajuda os pais a entenderem melhor as necessidades de seus filhos e a desenvolverem estratégias eficazes no manejo.

## 2. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem de revisão integrativa da literatura, que permite a síntese e a análise de estudos primários de diferentes métodos e desenhos de pesquisa, proporcionando uma visão abrangente e aprofundada do papel da enfermagem no apoio à saúde mental dos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os critérios de inclusão para a seleção dos estudos serão definidos da seguinte forma: estudos publicados em periódicos científicos revisados por pares; estudos que abordam o papel da enfermagem no apoio aos pais de crianças com TEA; estudos publicados nos últimos 5 anos para garantir relevância

atualizada. Os critérios de exclusão incluirão: estudos que não abordam especificamente o papel da enfermagem; estudos que não estejam relacionados à saúde mental dos pais de crianças com TEA; estudos que não estejam disponíveis em texto completo.

A pesquisa será conduzida em bases de dados eletrônicas, incluindo Google Acadêmico, Scielo, BVS. As estratégias de busca são desenvolvidas utilizando termos de busca relacionados ao papel da enfermagem, saúde mental dos pais e TEA. Além disso, buscas manuais serão realizadas em revistas especializadas e teses acadêmicas relevantes. Os estudos serão selecionados com base nos critérios de inclusão e exclusão pré-definidos. Os resumos dos estudos identificados serão revisados inicialmente para determinar a relevância potencial. Em seguida, os estudos selecionados serão avaliados em sua totalidade para determinar sua adequação à revisão. Os dados relevantes serão extraídos dos estudos selecionados, incluindo informações sobre a população de estudo, intervenções de enfermagem e resultados relatados. Serão identificadas as principais estratégias de enfermagem utilizadas para apoiar os pais de crianças com TEA e será realizado um resumo dos impactos dessas estratégias na saúde mental dos pais e na dinâmica familiar.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1. Definição e características do TEA

O entendimento do autismo ao longo da história tem sido uma narrativa complexa e multifacetada. Nos séculos passados, os comportamentos associados ao autismo frequentemente foram mal interpretados ou inadequadamente categorizados, resultando em estigmas e discriminação. O autismo, como entendido hoje, é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na comunicação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. (Almeida, 2016). No entanto, antes de sua identificação como uma condição distinta, indivíduos com traços autistas muitas vezes eram rotulados de diversas maneiras, muitas vezes negativas, na ausência de um quadro conceitual adequado.

Ao longo da história, comportamentos autistas podem ter sido interpretados como manifestações de possessão demoníaca, loucura, preguiça ou até mesmo como resultado de "más influências" sociais. A falta de compreensão sobre as complexidades do funcionamento cerebral contribuiu para essas interpretações equivocadas. Por exemplo, relatos históricos de "crianças selvagens" ou "idiotas" frequentemente descreviam indivíduos que hoje seriam reconhecidos

como tendo características autistas, mas que na época eram negligenciados ou tratados de maneira desumana.

Foi somente no século XX que o conceito moderno de autismo começou a emergir, inicialmente com o trabalho do psiquiatra suíço Eugen Bleuler, que cunhou o termo "autismo" em 1911 para descrever a tendência de certos indivíduos de se retirarem da realidade externa. No entanto, foi o trabalho do médico austríaco Leo Kanner e do psiquiatra alemão Hans Asperger na década de 1940 que lançou as bases para a compreensão contemporânea do autismo. Kanner descreveu o "autismo infantil precoce" como uma condição distinta, enquanto Asperger identificou o que viria a ser conhecido como Síndrome de Asperger.

O termo "autismo" foi cunhado em 1911 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, mas foi só na década de 1940 que o médico austríaco Leo Kanner e o pesquisador alemão Hans Asperger começaram a fornecer descrições mais detalhadas do que hoje reconhecemos como transtorno do espectro autista (TEA). (KANNER, 1943/1997, p. 170)

Desde então, avanços significativos foram feitos no entendimento do autismo, incluindo o reconhecimento de sua ampla variação de sintomas e de seu espectro de gravidade. No entanto, desafios persistentes permanecem em termos de combater estigmas e discriminação associados ao autismo, bem como em garantir que indivíduos autistas tenham acesso a recursos e apoios adequados para alcançar seu pleno potencial. A compreensão histórica do autismo destaca a importância de uma abordagem baseada em evidências e empática para lidar com essa condição complexa e muitas vezes mal compreendida.

8178

Há pesquisas que ajudaram a mudar percepções e políticas em todo o mundo, como, “A Organização das Nações Unidas (ONU) que reconheceu o dia 2 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo em 2007” (Nunes, 2023), destacando a importância de promover a inclusão e os direitos das pessoas com TEA em todas as sociedades.

No entanto, apesar dos progressos, o estigma ainda persiste em muitas partes do mundo, e há uma necessidade contínua de educação, apoio e recursos para indivíduos autistas e suas famílias. No Brasil, o entendimento do autismo seguiu um curso semelhante ao observado globalmente, com um processo gradual de reconhecimento e conscientização ao longo do tempo. (NUNES, 2023)

Antes dos anos 2000, havia uma falta de informação e recursos sobre o autismo no país, o que levava a diagnósticos incorretos e tratamentos inadequados. A década de 2000 marcou um período de maior visibilidade para o autismo no Brasil, com a criação de organizações não-

governamentais, grupos de apoio e iniciativas de conscientização lideradas por pais, profissionais de saúde e pesquisadores. (NUNES, 2023)

A Lei Berenice Piana, promulgada em 2012, distribuiu direitos fundamentais para pessoas com TEA, contribuindo para maior conscientização e acesso aos serviços especializados no Brasil. Nos últimos anos, houve um aumento significativo na pesquisa e na divulgação sobre o autismo no Brasil, com a formação de outras leis e de centros especializados em várias regiões do país. (NUNES, 2023)

A conscientização sobre a importância da inclusão e do respeito aos direitos das pessoas com TEA também tem crescido, embora desafios relacionados ao acesso a serviços de qualidade e à integração social ainda persistam. O Brasil tem avançado na criação de políticas públicas voltadas para o autismo, mas ainda há muito a ser feito em termos de garantir o acesso universal a diagnóstico precoce, intervenções adequadas e suporte contínuo para indivíduos autistas e suas famílias em todo o país. (NUNES, 2023)

Essa descrição abrangente do Transtorno do Espectro Autista (TEA) destaca sua complexidade e variedade de manifestações clínicas. As características principais do TEA, conforme mencionado, incluem dificuldades na comunicação social e na interação social, bem como padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. No entanto, é importante reconhecer que o TEA é um espectro, o que significa que as características e a gravidade dos sintomas podem variar significativamente de pessoa para pessoa.

8179

Além das características principais, é comum que pessoas com TEA apresentem diferenças sensoriais, como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais. Essas diferenças sensoriais podem influenciar a maneira como os indivíduos com TEA experimentam o mundo ao seu redor e podem contribuir para desafios adicionais na vida cotidiana.

Além disso, o TEA frequentemente coexiste com outras condições médicas e psiquiátricas, como epilepsia, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). A presença de comorbidades pode complicar o quadro clínico e influenciar o manejo do TEA, exigindo uma abordagem multidisciplinar e personalizada para o tratamento e suporte adequados.

A compreensão das múltiplas facetas do TEA, incluindo suas características principais, diferenças sensoriais e comorbidades associadas, é crucial para fornecer intervenções eficazes e apoio abrangente às pessoas afetadas por essa condição complexa. Uma abordagem holística e

centrada na pessoa é essencial para promover o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas com TEA.

O TEA apresenta padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades, com sintomas precoces no período do desenvolvimento, causando prejuízos no funcionamento social da vida do indivíduo. Além dos principais sintomas estarem frequentemente relacionados ao atraso de linguagem, compreensão pobre do discurso, fala ecológica, uso de linguagem literal e unilateral e pouca ou nenhuma iniciativa social. Esses sintomas estão presentes desde o início da infância, acarretando limitações e prejuízos na vida diária (CAVALCANTE; ALVES; ALMEIDA, 2016, p 1785).

A evolução das definições e compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) desde sua inclusão no DSM-III em 1980 até o DSM-5 em 2013 marca um avanço significativo na compreensão clínica e diagnóstica do autismo. O DSM-5 unificou os diferentes transtornos autistas anteriores em uma única categoria diagnóstica, reconhecendo a importância de considerar a gravidade dos sintomas e a presença de deficiências em múltiplos domínios para o diagnóstico adequado.

O DSM-5 passa a abrigar todas as subcategorias do autismo em um único diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os indivíduos são agora diagnosticados em um único espectro com diferentes níveis de gravidade. [...] o diagnóstico para autismo passa a ser definido por dois critérios: as deficiências sociais e de comunicação e a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. (AUTISMO E REALIDADE, 2020)

Além das características centrais destacadas anteriormente há padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades que são observados, como a adesão inflexível a rotinas, fixação em objetos específicos e hipersensibilidade ou hipossensibilidade sensorial. Essas características fundamentais são essenciais para identificar e compreender o TEA em indivíduos afetados.

A diversidade do TEA, como enfatizado, manifesta-se na ampla variação na apresentação clínica e na gravidade dos sintomas. Essa diversidade sugere uma interação complexa entre fatores genéticos, neurobiológicos e ambientais na etiologia e expressão do transtorno. Essa compreensão da heterogeneidade do TEA é crucial para garantir uma abordagem personalizada e holística no diagnóstico e manejo da condição.

Estudos neurobiológicos, têm desempenhado um papel fundamental na identificação de alterações estruturais e funcionais no cérebro de indivíduos com TEA. Essas alterações incluem hipoplasia do córtex pré-frontal, anormalidades na conectividade neural e disfunção em áreas cerebrais envolvidas na teoria da mente e na percepção social. Essas descobertas fornecem insights importantes sobre as bases neurobiológicas do TEA e podem orientar o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais direcionadas e eficazes.

O cérebro de uma pessoa autista apresenta falha de comunicação entre os neurônios, dificultando o processamento de informações. Apresenta alterações principalmente no corpo caloso, que é responsável por facilitar a comunicação entre os dois hemisférios do cérebro, a amígdala, responsável pelo comportamento social e emocional e o cerebelo, que está envolvido com as atividades motoras, como o equilíbrio e a coordenação. O cérebro autista apresenta também prejuízo em dois principais neurotransmissores: a serotonina e o glutamato. (SIQUEIRA, 2016)

A imitação de comportamentos desempenha um papel fundamental no desenvolvimento social e cognitivo, facilitando a aprendizagem através da observação e promovendo interações sociais significativas. Quando há uma desordem nos neurônios-espelho, a capacidade de imitar comportamentos pode ser comprometida. Os neurônios-espelho são um sistema neural que desempenha um papel importante na imitação e na compreensão das ações dos outros.

No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), onde dificuldades na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento são características-chave, a disfunção dos neurônios-espelho pode ter um impacto significativo. Indivíduos com TEA podem apresentar dificuldades em imitar comportamentos, o que pode afetar sua capacidade de aprender por meio da observação e de se envolver em interações sociais de maneira eficaz.

Observa-se que a desordem nesse grupo de células designado neurônios-espelho que se aplica com notoriedade ao descrever ações, ou comportamentos reflexos codificados por observações de uma pessoa a outra leva a pessoa ao processo de associação de um estímulo comportamental ao outro, de modo a imitar um as outras, pode funcionar como reguladoras a conduta da pessoa. Assim, essa desordem, pode estar relacionada subjacentemente ao mau desempenho em pessoas com TEA. (DE MELO, 2007)

A imitação de comportamentos é uma habilidade social crucial, pois não apenas facilita a aprendizagem de novas habilidades e comportamentos, mas também promove o desenvolvimento da linguagem, empatia e compreensão das intenções e emoções dos outros. Quando essa habilidade está comprometida, como pode ocorrer em pessoas com TEA devido a desordens nos neurônios-espelho, pode-se observar uma dificuldade adicional na interação social e na adaptação ao ambiente.

Entender a contribuição dos neurônios-espelho para as dificuldades observadas em indivíduos com TEA pode ajudar a informar estratégias de intervenção e suporte direcionadas, visando promover o desenvolvimento social e comportamental saudável nessas pessoas. Essas estratégias podem incluir abordagens terapêuticas que visam fortalecer habilidades de imitação e promover interações sociais positivas, adaptadas às necessidades específicas de cada indivíduo com TEA.

### 3.2. Impacto e desafios do TEA na dinâmica familiar

O diagnóstico de TEA influencia não apenas a criança, mas transforma profundamente as relações e rotinas familiares, exigindo adaptações emocionais e práticas. Este impacto demanda inúmeras descobertas, planejamentos e cuidados por parte dos membros da família, com o objetivo de facilitar a adaptação e promover o acolhimento da pessoa com autismo.

O diagnóstico de TEA muitas vezes representa uma experiência de luto para os pais, pois frequentemente implica na necessidade de ajustar expectativas e lidar com a incerteza em relação ao desenvolvimento e futuro da criança. Além disso, os pais de crianças com TEA frequentemente enfrentam estresse crônico devido às demandas associadas ao cuidado da criança.

As famílias enfrentam dificuldades em equilibrar as demandas desses cuidados intensivos com outras responsabilidades familiares e profissionais, o que pode levar a sentimentos de sobrecarga e exaustão entre os membros da família. Além disso, o TEA pode influenciar as interações familiares e a dinâmica emocional, exigindo uma comunicação mais direta e adaptativa por parte dos pais ou cuidadores.

Esses desafios ressaltam a necessidade de intervenções familiares abrangentes que abordem tanto as necessidades da pessoa com TEA quanto as necessidades dos membros da família. Intervenções que visam fortalecer a resiliência familiar, fornecer apoio emocional e prático, e promover estratégias de coping eficazes podem ajudar a mitigar o impacto do TEA na dinâmica familiar e melhorar o bem-estar de todos os envolvidos.

8182

É importante reconhecer que o TEA afeta a toda a família, assim, oferecer um acolhimento aos pais é necessário e importante, pois o diagnóstico precoce, as intervenções adequadas e imediatas contribuem para reduzir a probabilidade de cronificação, para aumentar as possibilidades de tratamento e para minimizar os inúmeros sintomas, já que não existe cura para o transtorno até o momento. (VAN STEIJN 2021)

Soares Amaral (2021) observou que a adaptação da família às necessidades da criança com TEA pode ter efeitos positivos, promovendo a coesão familiar e fortalecendo os vínculos afetivos entre os membros familiares. Criar uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta uma série de desafios emocionais para os pais, que vão desde o enfrentamento do estigma até o manejo do estresse e a mitigação do isolamento social. Este estudo destaca a importância de abordagens de apoio que reconheçam e atendam às necessidades não apenas da

criança com TEA, mas também das famílias que a apoiam, visando melhorar o bem-estar geral e promover uma melhor qualidade de vida para todos os envolvidos.

A família necessita de auxílio para encontrar estratégias eficazes de enfrentamento diante das dificuldades impostas pelo transtorno, de acordo com seus próprios recursos afetivos e com a singularidade da criança autista. A partir do momento de aceitação, novas portas se abrem para a reformulação benéfica familiar, dessa forma, a busca pela intervenção no tratamento é mais rápida, melhorando o prognóstico da criança e o seu desenvolvimento. Considerando a família como um fator essencial para o desenvolvimento da criança, uma vez que é a primeira fonte de interação social que auxilia a vivência em comunidade, faz-se necessário que essa instituição seja potencializada para que influencie de forma positiva a saúde mental de seus familiares. Dessa forma, a família deve ser orientada no sentido de cuidado, acolhimento, escuta e orientação, para que se sintam mais seguros, tranquilos e amparados. (SOARES AMARAL, 2021)

Nos últimos anos, a pesquisa tem se dedicado a investigar os desafios enfrentados pelos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seu impacto na saúde mental e no bem-estar, destacando a necessidade urgente de apoio adequado para lidar com essas questões. O estigma em torno do TEA continua sendo uma preocupação significativa para os pais, que frequentemente enfrentam julgamentos e estereótipos negativos por parte da sociedade.

O estigma percebido pode contribuir para sentimentos de culpa, vergonha e isolamento social entre os pais, exacerbando os desafios emocionais já presentes. Além disso, os pais de crianças com TEA enfrentam níveis elevados de estresse relacionados às demandas associadas ao cuidado da criança, o que pode levar a problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão.

8183

O estresse crônico pode impactar negativamente a qualidade dos cuidados prestados à criança e a dinâmica familiar como um todo. O isolamento social é outro desafio significativo enfrentado pelos pais, que muitas vezes se sentem desconectados de suas comunidades devido às demandas intensivas de cuidado da criança, dificuldades de participação em atividades sociais e falta de compreensão e apoio por parte de outras pessoas.

A necessidade de gerenciar os sintomas do TEA, lidar com comportamentos desafiadores e navegar em sistemas de saúde complexos em busca de recursos e suporte pode sobrecarregar emocional e fisicamente os pais, aumentando o risco de problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Além disso, o estigma social associado ao TEA pode agravar o sentimento de isolamento e incompreensão, dificultando ainda mais a busca por apoio social e emocional.

Diante desses desafios emocionais, é crucial que os profissionais de saúde, incluindo enfermeiros, estejam preparados para oferecer suporte emocional e informacional aos pais de crianças com TEA. Isso inclui a criação de espaços seguros para expressar emoções, o fornecimento de educação sobre o TEA e estratégias de enfrentamento, e a conexão dos pais a redes de apoio na comunidade. Essas medidas são essenciais para mitigar o impacto negativo do TEA na saúde mental e no bem-estar geral dos pais e suas famílias.

### **3.3. Intervenções de enfermagem**

O enfermeiro como responsável pelo acolhimento nas unidades básicas de saúde (UBS), no contexto da prática, os profissionais desempenham um papel crucial na identificação de situações relacionadas à saúde e à doença, bem como na prescrição e implementação de medidas que visam a proteção, promoção, recuperação e reabilitação da saúde do indivíduo. Esse papel abrange uma ampla gama de atividades, incluindo a monitorização do crescimento e desenvolvimento das crianças, com o objetivo de evitar influências desfavoráveis e problemas que possam surgir durante a infância.

Durante as consultas de puericultura, que são consultas de acompanhamento do desenvolvimento infantil, os enfermeiros desempenham um papel essencial ao observar e avaliar o crescimento físico, marcos do desenvolvimento, comportamento e interações sociais das crianças. Nesse contexto, os enfermeiros têm a oportunidade de identificar sinais precoces de Transtorno do Espectro Autista (TEA), como atrasos no desenvolvimento da linguagem, dificuldades de interação social e padrões repetitivos de comportamento.

A identificação precoce de possíveis riscos e sinais de desenvolvimento atípico em crianças é crucial para intervenções eficazes e para promover melhores resultados a longo prazo. Embora o diagnóstico final de certas condições só possa ser estabelecido após os três anos de idade, a detecção precoce de sinais de alerta pode ajudar a minimizar os riscos de complicações futuras e facilitar a adaptação da criança.

Ao identificar precocemente possíveis problemas de desenvolvimento, os profissionais de saúde e os pais podem iniciar intervenções adequadas, como terapias de estimulação precoce, suporte educacional especializado e encaminhamentos para avaliações mais detalhadas. Essas intervenções têm o potencial de promover a independência da criança, facilitar sua adaptação a desafios futuros e melhorar sua qualidade de vida.

Além disso, a identificação precoce também pode ajudar os pais a entender melhor as necessidades de seus filhos, oferecendo-lhes suporte e recursos adequados desde cedo. Isso pode incluir orientações sobre técnicas de cuidado, estratégias de comunicação e acesso a serviços de apoio comunitário.

Portanto, embora o diagnóstico final possa requerer tempo e avaliações adicionais, a identificação precoce de possíveis riscos e sinais de desenvolvimento atípico é essencial para maximizar o potencial de cada criança e promover sua saúde e bem-estar de maneira abrangente.

Ao detectar essas características relacionadas ao TEA, os enfermeiros podem desempenhar um papel na promoção de uma intervenção precoce e encaminhamento para avaliação e diagnóstico especializados. Isso pode incluir colaboração com outros profissionais de saúde, como pediatras, psicólogos e especialistas em desenvolvimento infantil, para garantir uma abordagem multidisciplinar na avaliação e gestão do TEA.

O enfermeiro é o profissional de saúde que auxilia no tratamento da criança autista, o mesmo pode fazer as orientações para com os pais, facilitando a convivência no lar, bem como, entender as necessidades do autista diariamente, dando toda assistência, esclarecimento de dúvidas permanentes, com ênfase no bem-estar e na qualidade de vida do portador (OLIVEIRA, 2019). [...] nesta perspectiva, é ideal enfatizar, como é de suma importância o enfermeiro conhecer profundamente o TEA para que assim possa atuar junto aos pais da criança com autismo e assistir o paciente adequadamente (BARBOSA, 2019).

Os enfermeiros podem fornecer suporte emocional e educacional aos pais e familiares de crianças diagnosticadas com TEA, auxiliando-os a entender a condição, a acessar recursos comunitários e a desenvolver habilidades práticas para lidar com os desafios associados ao cuidado da criança. Essa abordagem centrada na família é fundamental para promover o bem-estar não apenas da criança com TEA, mas também de sua família como um todo. Através de sua empatia e compaixão, os enfermeiros podem validar os sentimentos dos pais e oferecer apoio emocional necessário.

[...] Os profissionais da enfermagem devem atentar-se às singularidades dos indivíduos e suas respectivas necessidades, prestando assistência integral e de qualidade que atenda a todas as demandas de cuidado dos autistas e famílias, contribuindo para o fortalecimento e ampliação dos laços relacionais. O enfermeiro envolvido, pela competência em cuidar do doente e da sua família, é um profissional capaz de se inserir no cuidado em domicílio contribuindo na organização e dinâmica familiar (MARGALHÃES, 2021, p.7).

Uma abordagem centrada na família permite que os enfermeiros ofereçam suporte emocional e informacional, ajudando os pais a compreender e lidar com os desafios associados ao cuidado de uma criança com TEA. Esta abordagem é essencial para mitigar o estresse e a

ansiedade enfrentados pelos pais, resultando em uma melhor qualidade de vida para toda a família.

A importância da educação e do apoio psicossocial fornecido pelos enfermeiros aos pais de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é crucial para promover uma melhor adaptação familiar e enfrentar os desafios associados ao cuidado dessas crianças.

Ao fortalecer a capacidade dos pais de lidar com os desafios do TEA, os enfermeiros contribuem para uma melhor adaptação familiar e uma qualidade de vida mais satisfatória para todos os membros da família. Além disso, a enfermagem desempenha um papel vital na facilitação do acesso dos pais a redes de apoio na comunidade, tais como grupos de apoio entre pais, serviços de aconselhamento e organizações de apoio ao TEA. Este suporte adicional pode ajudar os pais a se sentirem mais apoiados e capacitados na jornada de cuidar de uma criança com TEA.

Os enfermeiros desempenham um papel crucial na promoção da resiliência dos pais, capacitando-os com informações precisas sobre o TEA, estratégias de manejo de sintomas e recursos disponíveis na comunidade. Essa educação e apoio são essenciais para capacitar os pais a entenderem a condição de seus filhos, lidarem com os desafios do dia a dia e encontrarem recursos e suporte adequados.

8186

Uma estratégia fundamental para alcançar esse objetivo é a implementação de programas de educação e apoio psicossocial para os pais. Esses programas oferecem oportunidades para os pais se informarem sobre o TEA, aprenderem estratégias de manejo de sintomas e desenvolverem habilidades de enfrentamento. Os enfermeiros desempenham um papel central na facilitação desses programas, fornecendo informações precisas e acessíveis, bem como oferecendo apoio emocional durante o processo de aprendizado e adaptação.

Além disso, a oferta de terapia individual ou familiar é uma estratégia valiosa para ajudar os pais a lidarem com o estresse e as emoções associadas ao cuidado de uma criança com TEA. Os enfermeiros podem encaminhar os pais para esses serviços de apoio e garantir que recebam o suporte necessário para enfrentar os desafios do TEA de maneira eficaz. “Outra estratégia importante é o estabelecimento de grupos de apoio entre pais, como destacado por Santos (2020). Esses grupos proporcionam um ambiente de compreensão e solidariedade, onde os pais podem compartilhar experiências, trocar informações e oferecer apoio mútuo.”

Silva (2018) destaca que a conexão dos pais a esses recursos pode fornecer uma fonte adicional de suporte emocional e prático, reduzindo o isolamento social e promovendo a

sensação de pertencimento e compreensão. Com isso conclui que ao criar um ambiente de apoio, oferecer informações precisas, promover estratégias de enfrentamento e facilitar o acesso a redes de apoio na comunidade, os enfermeiros podem desempenhar um papel vital na capacitação dos pais para enfrentar os desafios associados ao cuidado de uma criança com TEA.

Os enfermeiros podem facilitar a criação e a manutenção desses grupos, fornecendo orientações e recursos necessários para promover a eficácia e a sustentabilidade dessas redes de apoio. Por fim, a promoção do autocuidado é fundamental para o bem-estar dos pais, como observado por Silva (2018).

Essa abordagem holística é essencial para garantir que os pais tenham os recursos e o suporte necessários para enfrentar os desafios únicos associados ao cuidado de uma criança com TEA.

Dessa forma, o enfermeiro orienta quanto a ações que podem ser estabelecidas diariamente a fim de estimular a comunicação na vida da criança, impor atividades e dinâmicas que chame a atenção da criança e trabalhe raciocínio lógico, estimulando o interesse de ter o contato e aprender a conviver com outras pessoas, demonstrando afeto, amor, atenção. (OLIVEIRA, 2019).

O acesso a informações confiáveis e recursos relevantes é essencial para capacitar os pais a tomar decisões informadas sobre o cuidado de seus filhos com TEA. Outro aspecto importante é o papel dos enfermeiros na promoção da resiliência e o autocuidado dos pais.

A terapia oferece um espaço seguro para os pais expressarem suas preocupações, explorarem seus sentimentos e desenvolverem estratégias de enfrentamento eficazes. Os enfermeiros podem colaborar com profissionais de saúde mental para garantir que os pais recebam o suporte terapêutico necessário para promover sua resiliência e bem-estar emocional.

Os enfermeiros podem incentivar os pais a reservarem tempo para cuidar de si mesmos, praticar atividades que promovam o relaxamento e buscar apoio sempre que necessário. O autocuidado é essencial para prevenir o esgotamento emocional e físico, permitindo que os pais continuem a cuidar de seus filhos com TEA com amor e dedicação.

#### 4. CONCLUSÃO

A revisão da literatura enfatiza a importância de estratégias de intervenção de enfermagem que promovam uma abordagem holística e centrada na família. O enfermeiro, ao atuar de forma empática e informada, contribui significativamente para o fortalecimento dos

vínculos familiares e para o bem-estar dos pais de crianças com TEA. Esses achados apontam para a necessidade de políticas públicas que incentivem a capacitação contínua dos enfermeiros e a ampliação dos recursos de suporte para as famílias.

Este estudo reforça a relevância do papel do enfermeiro no apoio aos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente em termos de suporte emocional e orientação para práticas de cuidado no contexto familiar. A complexidade do TEA exige uma abordagem abrangente, na qual o enfermeiro não apenas desempenha o papel de cuidador direto, mas também atua como facilitador no desenvolvimento de redes de apoio que fortalecem os pais no enfrentamento dos desafios diários.

A capacitação contínua dos profissionais de enfermagem, aliada a políticas públicas que incentivem a inclusão e o acesso aos serviços de saúde mental, se mostram essenciais para o aprimoramento das práticas de apoio. Através de uma intervenção sensível e bem informada, o enfermeiro pode promover não apenas a qualidade de vida das crianças com TEA, mas também a resiliência e o bem-estar de suas famílias, contribuindo significativamente para uma saúde integral e humanizada.

## 5. REFERÊNCIAS

8188

AUTISMO E REALIDADE. 2020. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/>. Acesso em 12 de maio de 2024.

AS experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. Acesso em: 09 de maio de 2024.

DEMYER, M. K. Pais e filhos com autismo. 1979. Core, Reino Unido, Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/328067198.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

DSM-5 E O DIAGNÓSTICO DE TEA. 2020. Acesso em: 05 de maio de 2024.

FILHOS AUTISTAS E SEUS PAIS: UM ESTUDO COMPREENSIVO. São Paulo, 2020. Acesso em: 08 de maio de 2024.

FIAMENGHI, J.; MESSA, A.A. Família e autismo: Uma revisão da literatura. Pepsic, Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822012000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822012000200008). Acesso em: 04 de maio de 2024.

INCB INSTITUTO DE NEUROCIÊNCIAS DE BRASÍLIA. DISPONÍVEL EM: <<HTTPS://INCB.COM.BR/>>. ACESSO EM: 04 DE MAIO DE 2024.

KANNER, 1943/1997, p. 170-171 . Acesso em: 11 de maio de 2024.

O FENÓTIPO AMPLIADO DO AUTISMO EM PAIS E MÃES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO. Acesso em: 06 de maio de 2024.

OLIVEIRA, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E O LUTO DO DIAGNÓSTICO: UMA NOVA REALIDADE p.43. Acesso em: 04 de maio de 2024.

SILVA, Fernanda Pereira Da et al. Educação e inclusão de crianças com TEA no ensino de classe regular: um mapeamento das políticas públicas. Anais VII CONEDU — Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Acesso em: 10 de maio de 2024.

SILVA, Beatriz dos Santos. O papel dos pais frente à criança com autismo: a importância da intervenção precoce. Revista Científica Educ@ção, v. 2, n. 3, p. 336 – 351, 14 maio 2018. Disponível em: <https://periodicosrefoc.com.br/jornal/index.php/RCE/article/view/51>. Acesso em: 12 de maio de 2024.

SALOMÃO, S.; JOSÉ, D. R. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. 2024. Disponível em: <https://www.schwartzman.com.br/transtorno-do-espectro-do-autismo>. Acesso em 15 de maio de 2024.

TEIXEIRA, M. C.; GANDA, D. R. Inclusão e autismo: relato de caso sobre o trabalho com uma criança na educação infantil. Ver. Psicol Saúde e Debate. Dez., 2019;5(2): 32 125 – 135

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, MULTIDISCIPLINAR. Disponível em: [https://metodopadovan.com/wp-content/uploads/2022/08/2022-Transtorno-do-espectro-autista\\_-concepcao-atual-e-multidisciplinar-na-saude.pdf](https://metodopadovan.com/wp-content/uploads/2022/08/2022-Transtorno-do-espectro-autista_-concepcao-atual-e-multidisciplinar-na-saude.pdf) . Acesso em: 04 de maio de 2024.

8189

VAN STEIJN. 2021. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://sseditora.com.br/wp-content/uploads/Transtorno-do-Espectro-do-Autismo.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2024